





gas e descargas de enormes pesos, a que ele, repellido de todo o auxílio que lhe diminuía o gaúcho, raramente se fatava. Sua mãe, essa não a conhecia, pelo menos não a recordava as suas reminiscências. Falocera de parto um ano depois dele nascer. Lavava e engomava para fora e o médico que o tratou disse que fora um reatido. E não sabia ao certo. Seu pai não era, a uma pérgula, sua filha-lhe vagamente no calor dos ferros de engomar, uma noite do muito serviço, num sábado. Alguns dias depois ela morria.

Ao ficar só e pequenino, foi levado a uma família pobre, vizinha a amigos da sua, que o recebeu com sinais do sustento no meio da sua pobreza. Ali vivera, ali crescera até a idade em que lhe foi possível trabalhar e ajudar a casa, trazendo e entregando, cada vez, á sua mãe adoptiva os poucos mil réis que lhe pagavam. Então, era sã sua vida ter casa e não ter família: a miséria desta pobre gente aumentando na proporção dos braços validos que desapareciam, levados para um novo destino e para uma nova miséria, tinha-o forçado a ele a precipitar-se na vida, ao acaso da fortuna, buscando por sua própria conta, aquilo que lá não podia dar: — casa e meios de subsistência. Ergueu pela grande cidade — a formosa Pauliceia — durante meses e meses, passou fome, dormia ao relento pelos portões. Conheceu varios empregos e foi sempre mal pago. Um dia adoeceu, esteve á morte. Salvando-se, encontrava-se sem força para o trabalho, minado por males irreversíveis. Aos treze anos — idade em que os filhos dos ricos principiam a viver e a gozar — ele, a pobre criança, para inocente duma sociedade maldita, começava a desfeitar e a decompor-se.

Eis aqui, sem fracos do ensino e sem orações, a historia simples e verdadeira desta infancia desventurada. Sobre ela construí-se um belo conto, com grandes e comoventes episodios, espasmos de piedade e de caridade das pessoas filantropas. Mas quem escreve estas linhas não é romancista, não tem relações de escritor romancista. Por outro lado, odeia a piedade e odeia a caridade ainda nas suas formas menos humilhantes. Quis simplesmente dizer vos em carta e no estilo de carta, como pde e soube, o que sobre uma criança, a sua miséria, o seu abandono, a sua doença, o seu abandono, o seu contorção e o mais que deduzi, preocupando-me exclusivamente com a verdade, inteira, completa, absoluta, e sobre esta verdade — triste e dolorosa — chamar a atenção dos trabalhadores e das mulheres dos trabalhadores, que têm filhos pequenos e que, criticos amáveis, não incluem, irremediavelmente, outros Domingos da Cruz — abandonados, famintos, doentes, coroados pela miséria e pela tísica. — E a pobre criança, que é feita da infeliz criança de que nos falam? — perguntareis vós, honrados leitores.

Socega. Domingos da Cruz não está só. Fer-se-lhe o que é compatível com a justiça dos tempos, a justiça como a entendem todos os revoltados. Isto deve bastar.

Alfredo Villa-Seca.

## Secção amena

Uma linda senhora a um padre moço, seu convidado:  
— Como tem as mãos brancas, reverendo! Que faz V. Rev. para isso?  
— Eu?... Não faço nada...

Uma beata ao vigário:  
— Qual é o meio mais seguro de ir para o céu?  
— É fazer testamento em favor da Igreja.  
— Mas eu tenho parentes pobres...

— Deixando-os na pobreza, a senhora ajuda-os a ganharem o céu...

Um carola encomendou a um pintor heretico um quadro representando A fuga para o Egito. O artista fez o seu trabalho de má vontade e descuidadamente. No dia seguinte, vem o criado do cliente:

— O patrão manda perguntar se não aqui (apontava para um ponto do quadro) é boi ou burro.  
— Diga ao seu patrão que é urro.

## Vida triunfante...

Nilo!... Nilo!... Esse nome sempre me ressoa pelos nervos, ás mais das vezes, quando me ponho a relembrar as minhas saudades religiosas de collegial traquinas, envolto todo esse triste lanço da memória num sudário de tristezas, como o corte duma espada numa epiderme nervosa — longamente dolorido. Naquella nossa rudimentar sociedade do collegio, estatuída em crenças absurdas dum programa pavorosamente religioso, Nilo se impunha ao estase de admiração de todos os collegas, com uma austeridade impecavel, encravada entre todos nós, como uma pedra preciosa, na sua aureola doentia de fanatismo. Alto, meio corcunda, num corpo magro, em sua face, os olhos, como estrelas, nas trevas dum eclipse, nadavam tristemente, como dois cisnes moribundos; e não tinham nenhuma expressão, nenhum fulgor de vitalidade. O rosto tinha, severo, os nervos mortos pela sua immobildade fisiologica, como neofitas numa calmaria de aguas puridas...

E eu mesmo bem não sabia deffinit se dentro dele funcionava a maquina vital, com toda a regularidade, num espasmo perpetuo de sangue enrubescendo as carnes... Era o maior beato de todos os outros, do disziplinado de S. Luiz de Gonzaga. Imitava bem deste exemplo ascetico de paranoico bem elevado na classe das loucuras, as suas escrupulosidades de idiota. Sobresia entre todos pela sua crença soberana, manancial milagroso, onde a sua alma ia beber, como uma boca faminta, no fundo dum poço. Os seus pensamentos, por isso, tinham a pureza indelel de dos espelhos novos...

Todo o reino do céu, santos e beatos dormiam e moravam dentro do seu espirito como uma poucas de andorinhas na torre duma igreja. E si tornavam-no frio, fraco, no atrofiamento organico dos instintos da vida, na assexualidade de animal doente. Os nossos padres, porque era religioso, o nosso azido, aonde me acobertei seis meses, aonde me tornei de prisioneiro, punham no a nossa vista profana como um bom exemplo a imitar, todo empanurrado de virtudes, todo engalanado de esplendores, todo unido de castidades...

Nilo era o meu maior inimigo, a minha fisionomia de de ignorante, de materialista, fisionomia de extremo de raiva de temor, de vergonha, sarcástica, profanadora como uma cuspada na effigie duma hostia. E ele, quando por mim passava, abria os labios numa prece, rosário entre os dedos finos, com uma toda a fisionomia, num arreganho de louco, no aprumo altivo de cortejo favorito do Senhor.

Nilo começou a sentir-se nervoso, doente, um dia. A vida, — e ele, dogmatico, prégava-o, era o peor dos males, — um carcere da felicidade eterna... Doutro lado, comparada a um caminho com um muro no meio, estava Deus, repoltrado como um burguez feliz, na digestão dos seus milagres divinos, entre o coio dos seus anjos cantores, das suas virgens de olhares meigos, de palavras suaves, — dos seus velhos profetas, cheirando á saúde das lidades desconhecidas... E ele se sentia ansioso por vellos, nervotico, impaciente como um amante descejo... Se custava pouco a gente chegar aos pés de Deus, enrolar-se-lhe nos braços musculosos, beijar-lhe as barbas perfumadas, entre as nuvens de mirra saçada, unirse a ele, na voluptuosidade santa do seu misterioso amor, porque se não desagregava a alma do corpo como uma borboleta dum casulo?...

E ele andava por todos os cantos, olhando submersas, refletindo a tristeza da sua quimera, com essas teorias exquistas.

A ideia de Deus, com seus gozos inefaveis, chamava-o doutro lado da vida; sorria-lhe. Atraia-o. Enlouquecia-o. Foi numa manhã nevoosa, perto já das férias, que ninguém soube explicar a demorada ausência.

— Foi a ideia de Deus, com seus gozos inefaveis, chamava-o doutro lado da vida; sorria-lhe. Atraia-o. Enlouquecia-o.

Foi numa manhã nevoosa, perto já das férias, que ninguém soube explicar a demorada ausência.

sencia de Nilo. Procuraram-no, debalde, por todo o collegio.

Nilo desaparecera misteriosamente; muitos criam-no arrebatado ás infâmias da terra, num carro de fogo, num cortejo de auevas, levado pelos ares, de braços, promiscuamente, pelos anjos, pelas virgens... Mas, o certo foi que, de Nilo, se passaram dois dias sem noticias. Até que o descobrimos no pantano, de cadaver inchado, roxo, apodrecendo, entre os brejos vizinhos. Foi um clamor; e foi um sussurro feral. Fora Deus quem o chamara, atraindo-o para a volupia assassina da Morte, — prégava a matilha de todos os carolas. Mas o pobre do Nilo, e eu lhes conto a verdade, estava obcecado pelas crenças religiosas, entontecido por elas, numa miragem de esperanças risosas.

— Foi a alma quem venceu — Foi a alma quem venceu a vida, demandando, logo apreçoaram. Agora, ela era a fênix d'ouro, alada pelos espaços, erguida do lambeço da matéria, onde chafurdam as células e os corpos. A vida era, para aqueles imbecis, unicamente, o sopranico da alma que movia os musculos, avermelhava o sangue, transformando-se em sorrisos, em pensamentos ao depois...

Por isso, Nilo vencia, diziam, suicidando-se na lama dos pantanos; esmagara a força diabólica da vida!

E recomendavam-se a ele, chorando-o, olhos estendidos para o céu, numa obsecração de idiotas. Mas, defronte do morto, sentia-se a vida ainda dentro daquelas materias puridas, agitada sempre, na sua eterna fermentação. E surgia por todos os musculos, por todas as fibras; multiplicava-se por todos os póros; vibrava na fome aguda dos vermes. E estes surgiam, apavoradores, pequeninos, numa luta subcutanea de bocas vazias.

Assim, a Vida com eles triunfava, na inerência daquella grande organismo imovel; e triunfava, eterna, indestrutível, das quimeras religiosas dos loucos, das mentiras humanas, dos fantasmas divinos, a Vida, — força misteriosa; a Vida, — a Vida do sangue na lira organica dos musculos e dos nervos; a Vida — a unica, a imortal divindade do Universo...

Mario Wanderley.



## REVOLTANTE!

A policia deu sumido ao operario Manuel Campos, preso ha 44 dias

Outra prisão arbitrária

O companheiro Manuel Campos, preso, em Santos, no dia 8 de agosto e transportado para esta capital, ainda não appareceu.

A policia burlou a acção da justiça negando a sua prisão quando foram requeridos dois habeas-corpus em seu favor.

Que destino terá a policia dado ao honrado trabalhador?

Terá repetido a infamia praticada com Francisco Calvo, martirizando-o e depois atirando-o á alguma estrada distante?

Que é feito de Manuel Campos, ara. da policia?

E a imprensa não dá nem uma só palavra sobre o gravissimo caso! Para outra coisa não está ella arroliada pelas subverções officiaes.

Outro operario preso

Uma outra vitima da sanha policia.

Na sexta-feira passada, foi preso o companheiro Alfredo Ovidi, acusado de distribuir boletins de convocação do comicio que se devia realizar no Cambui.

Admiravel terra! Prende-se um homem porque distribui convites para uma simples assembleia de salto!

Sto já passado 8 dias e de Alfredo Ovidi não se conhece o paradeiro!

## Morreu um Bandido!

O Tragico fim de Francisco José

Nel sangue ingivanti, nel sangue invecti, nel sangue affogherai e sia sangue tuo.

Telegramas de varias procedencias annunciam que esticou as canelas, com o espirito mergulhado nas sombras da loucura, o bandido corado que deu pelo nome de Francisco José, e que viveu tanto se para desencadear sobre a Humanidade os horrores da guerra que já ensanguentou o solo de quatro partes do mundo.

O miseravel imperador da força, opressor da Hungria, da Polonia, da Bosnia-Herzegovina, da Dalmacia e de Trieste; o velho imbecil que durante sessenta annos se curvou docil e submissamente a todas as infâmias que lhe ordenava o seu director espirital; o catolicismo lacio do Vaticano morreu como devia morrer, sofrendo, nos ultimos dias de vida para expiar todos os crimes que mandou praticar, e vendo o poderoso imperio que ele dominou pelo terror esfalçar-se na ponta das espadas vitoriosas dos servios, dos montenegrinos dos russos, dos franceses e dos ingleses.

Mais ainda!

Para maior castigo do assassino corado, dizem os ultimos telegramas, ele veio a saber, sessenta annos se curvou docil e submissamente a todas as infâmias que lhe ordenava o seu director espirital; o catolicismo lacio do Vaticano morreu como devia morrer, sofrendo, nos ultimos dias de vida para expiar todos os crimes que mandou praticar, e vendo o poderoso imperio que ele dominou pelo terror esfalçar-se na ponta das espadas vitoriosas dos servios, dos montenegrinos dos russos, dos franceses e dos ingleses.

Desce ao tumulo, miseravel! Acompanham-te as maldições das mães, das esposas e dos irmãos, dos pais e dos filhos daqueles cujo sangue está sendo, por tua culpa, derramado nos campos de batalha.

Que importa que te acompanhem as lagrimas e as missas dos abutres negros do Vaticano, que de ti esperavam o restabelecimento do poder temporal dos papas!

A Igreja tambem irá logo fazer-te companhia no cemiterio da Historia, varrida pelo vendaval da revolução saneadora que derribará tronos e altares.

## A "Lanterna" em Santa Catarina

Cronica de S. José

Ainda as «antissimas» baidolheiras do vigário de S. Pedro de Alcantara

Dizem os entendidos em materia religiosa, isto é, os beatos e beatas que frequentam o confessorio, que a confissão é um segredo que se não deve violar; tanto o confessor como o penitente devem manter o mais absoluto sigilo relativamente ao que se passa nesse sagrado confolio.

Pois bem, e eu creio que assim deve ser; porque, se essa «antissimas» paritaria que se passa entre um homem solteiro e uma mulher casada ou tambem solteira, fosse fada em publico, até um frade de pedra coraria de vergonha!

Por essa razão, atendendo a esse respeitavel principio de moral, é que venho pedir encarecidamente aos leitores da Lanterna que guardem o mais absoluto segredo sobre o que abaixo vou relatar.

Passou-se o facto em S. Pedro de Alcantara, neste municipio, e com o vigário a quem me tenho referido em correspondencias anteriores.

Um moço e uma moça daquelle sacra localidade, ambos filhos de conhecidas familias dali, contrahiram casamento. Dias antes do destino do noivo, que ali só são respeitadas e acatadas as formalidades religiosas, tiveram elles a fraqueza de irem ao confessorio exor as suas misérias ao vigário.

A primeira vitima que compareceu ao santo interrogatorio foi o noivo. Este, de joelhos em terra, disse humildemente ao confessor, entre outras asneiras proprias de um doido, que ha tempos fora contaminado de molestias veneraes, mas que já estava curado. Oh! céus! brada o vigário cheio de indignação! Este monstro de dilito fez tramar as pernas da cadeira da presidencia divina! Mas, sr. vigário, salve-me se ainda é tempo! diz-lhe o penitente a tremel!

Salvarei, disse o vigário de si para si; não a ti, mas á que escolheste para tua mulher. Quando chegou a noiva ao confessorio, disse-lhe então o padre:

F..., não cases com F... porque está doente e de molestia perigosas.

— Mas sr. vigário, eu estimo tanto a F...; é até meu vizinho...

Não tem estimo nem pera estimo, responde o santissimo satanadão.

Amanhã diga-lhe que não mais quer casar com ele, sem explicar o motivo: é a ultima palavra.

E assim foi cumprido. No dia seguinte teve o noivo conhecimento da inapelavel sentença do vigário que a sua «futura», toda chorosa, lhe expusera minuciosamente.

E ficou o casamento assim desfeito e por deliberação do vigário.

30 — 8 — 1914.

C. de Lippo.

## UMA OBRA IMPORTANTE

Já foi annunciada na Lanterna a ideia da publicação da obra de H. Ch. Leu: «Historia da Inquisição na Idade Media», vindo para o portuguez pelo nosso camarada dr. José Otília.

Não é necessario insistir sobre o valor dessa publicação. Ela põe nas mãos dos anticlericaes, dos livres-pensadores, dos estudiosos da historia, o melhor e mais completo, o mais autorizado manual sobre o assunto. E um repositório admiravel de factos autenticos onde poderá qualquer pessoa aaur episodios eloquentes, ateradores, da acção social da Igreja no concenrente á luta contra os hereses.

Essa obra é um elemento formidavel de campanha anticlerical e de estudo da historia. A sua publicação constituirá um grande passo na propaganda livre pensadora do Brasil.

A obra será publicada em fasciculos de 60 paginas cada um e que será vendido a 200 réis. Isso permittirá á Liga Anticlerical distribuir uma tiragem de 10.000 exemplares. Para o primeiro fasciculo é mister obter pelo menos tres mil assinaturas.

Contamos com o auxilio dos livres-pensadores e anticlericaes do Brasil.

Cada companheiro pode tomar dez assinaturas por 2500, tendo direito ao primeiro volume de 600 paginas pronto para encadernar. E' facultado a qualquer tomar o numero de assinaturas que entender.

Os companheiros devem ter em mira que, quanto maior for o numero de assinaturas tomadas mais depressa será publicado o primeiro fasciculo.

A Liga Anticlerical aceita, desde já, os pedidos, devendo cada companheiro enviar o seu nome, endereço e o numero de fasciculos que assina.

Toda a correspondencia e pedidos de assinaturas, assim como dinheiro, devem ser endereçados ao companheiro MAXIMIANO DE MACEDO, rua SETE DE SETEMBRO, 59, SOBRADO, RIO DE JANEIRO.

## OS FRADES E A GUERRA

ESPIÕES ALEMÃES

Refere o Daily Chronicle, diz um telegrama, que o governo italiano descobriu em Roma muitos espiões alemães nos conventos e que, num dos mesmos conventos, pertencente a uma grande congregação religiosa (provavelmente a dos Beneditinos — O. S. B.) a policia encontrou aparelhos radiotelegraficos Marconi e Wireless.

A noticia, se pôde causar admiração a muita gente a nós não causou.

Nós sabemos que os frades prestam-se a tudo que é mau. Só não são uteis ao bem da humanidade.

Além disso sabiamos já que a igreja catolica desejava ardentemente a victoria da Austria e da Alemanha, porque contava com a imbecillidade do recen-defuncto Francisco José e com o delirio de grandezas de Guilherme II para o restabelecimento do poder temporal dos papas, restituindo-se os antigos Estados Pontificios, e, quicá, toda a Italia, ao dominio do Papa-Rei.

E assim era natural que do antro dos conventos e acobertados com as roupetas ou com os bureis os espiões alemães pudessem dar ao Estado maior alemão noticias dos movimentos dos aliados.

Quem sabe se dos conventos dos Beneditinos alemães no Rio e em São Paulo não tem partem radiogramas para o Bremen?

Quem ousará afirmar que do outro da Avenida Brigadeiro Luiz Antonio, nesta Capital, ou do Potreine, em Curitiba, não partem tambem radiogramas.

Os frades alemães que estão no Brasil são todos officiaes do exercito prussiano em serviço de espionagem e de engenharia militar.

Em Curitiba era, ha anos, publico e notorio, que um frade alemão levantara a planta da bahia de Paranaguá e fizera sondagens no porto. Outro frade levantara a planta, para dois ou tres caminhos diferentes, de Paranaguá e Antonina a Curitiba.

E' hora que os nossos amigos, neste momento, não percam de vista os movimentos dos officiaes do estado maior prussiano que estão espalhados pelo Brasil e humildemente occultos sob os bureis dos capuchinhos e as roupetas dos jesuitas e dos beneditinos.

Felizmente a Alemanha não vencerá, e a Revolução Social dirá a ultima palavra no horroroso drama de sangue que é a conflagração europea.



## Consequencias do fanatismo

O rapaz de 18 annos de idade, de nome Miguel Palmeiro, filho de Delia Palmeiro, do Outeiro das Cabanas, freguezia de Achete, Portugal, com quem se deram umas scenas, em Azia de Baixo, quando ali pretendia a celebração duma missa para afugentar a alma penada que ele trazia na barriga, deu-lhe para dar novo espectáculo nesta cidade.

Segundo é notorio, o rapaz, acompanhado de mulhier e varios curiosos, dirigiu-se á Igreja do Milagre, onde um ecclesiastico lhe collocou, segundo nos garantem, a chave do sacratio na boca, affirmando referida alma lhe sair por uma borbulha que ele tinha no calcanhar do pé esquerdo!

Vai sem commentarios!







